



5º Simposio de Ensino de Graduação

BOCHA PARAOLÍMPICA: DA TEORIA À PRÁTICA.

Autor(es)

LUCIANA AGUIAR

Co-Autor(es)

FERNANDA GONÇALVES PAIXÃO
JAYME LEITE JÚNIOR
RENE MENDES CASARINI

Orientador(es)

Eline Tereza Rozante Porto

1. Introdução

Este trabalho foi elaborado para apresentação na disciplina Atividade Motora Adaptada do 5º semestre do curso de Educação Física, conduzida pela professora Dr^a Eline Rozante Porto. Durante todo o decorrer das aulas, aprendemos e refletimos sobre questões referentes às pessoas com necessidades especiais, atentando especialmente para suas capacidades e possibilidades dentro do esporte. Para elaborar o trabalho, realizamos uma pesquisa bibliográfica sobre o tema esporte adaptado, encontrando informações relevantes e substanciais em CAMPEÃO (2003) e (2006), no site da Associação Internacional de esportes e recreação para paralisados cerebrais: CP-ISRA - Cerebral Palsy - International Sports and Recreation Association (www.cpisra.org) e no site da Confederação Paraolímpica Brasileira (www.cpb.org.br). A utilização de vários sites se deu porque encontramos pouquíssimas publicações sobre o tema proposto e vimos nestes a possibilidade de captarmos informações vastas e atualizadas.

2. Objetivos

Nossos objetivos foram conhecer uma modalidade esportiva adaptada difundida nos campeonatos esportivos internacionais, apresentando e desenvolvendo a modalidade bocha paraolímpica para os alunos do 5º semestre matutino do curso de Educação Física, adaptando a modalidade em locais diversificados.

3. Desenvolvimento

O trabalho foi desenvolvido em grupo a partir da pesquisa bibliográfica realizada em livros da biblioteca da Unimep e sites oficiais relacionados ao esporte adaptado, sendo a teoria apresentada de forma oral pelos alunos do grupo para os demais alunos da turma. Tanto a parte teórica da apresentação como a parte prática ocorreu na sala de Expressão Corporal do Bloco 11 do Campus Taquaral da Unimep, no mês de julho de 2007. A prática foi adaptada para uma sala fechada, mas recebeu as demarcações do espaço com as medidas oficiais exigidas pelo esporte, sendo que estas foram feitas antecipadamente pelo grupo com fita adesiva. Os materiais utilizados também foram adaptados, sendo que as bolas eram de tênis de campo encapadas com bexigas coloridas, e as cadeiras utilizadas foram as dos professores e as dispostas na cantina do Bloco. Havia apenas uma cadeira de rodas disponibilizada pelo coordenador do Centro de Qualidade de Vida (CQV) da Unimep. A partir da pesquisa bibliográfica, constatamos que a modalidade Bocha estreou no programa paraolímpico na Paraolimpíada de Nova Iorque em 1984, sendo que a primeira medalha paraolímpica brasileira veio no Lawn Bowls, em que Róbson Sampaio de Almeida e Luiz Carlos "Curtinho" ganharam uma prata em 1972, nos Jogos de Heidelberg, Alemanha. Em CAMPEÃO (2006) encontramos que existem muitas versões quanto à origem do jogo e que a maior referência é que seja uma adaptação para quadra fechada do jogo italiano de boliche em grama. Encontram-se também referências que estabelecem uma analogia com um jogo francês (Pentaque) que começou a ser desenvolvido e praticado em 1910, mas somente nos anos 70 este esporte foi resgatado pelos países nórdicos com o fim de adaptá-lo à pessoas com deficiência. No Brasil, o jogo de bocha ficou conhecido a partir de 1995 quando dois atletas ganharam medalha de ouro nos Jogos Pan-americanos de Mar Del Plata. No início, o jogo de bocha era voltado apenas para pessoas com paralisia cerebral, com um grave grau de comprometimento motor. Atualmente paralisados cerebrais e pessoas com outros tipos de deficiência também competem, desde que utilizem cadeira de rodas. O jogo consiste em lançar bolas coloridas (6 bolas azuis e 6 vermelhas), o mais perto possível de uma bola branca, o "jack". Para fazê-lo é permitido o uso das mãos, dos pés ou de instrumentos de auxílio tais como rampas ou calhas e capacetes com ponteira para quem tem um grande comprometimento nos membros superiores e inferiores. As partidas são divididas em "ends", que só terminam após todas as esferas serem lançadas. O jogo ocorre em quadras cobertas, planas, lisas e regulares, com demarcações no piso e dimensões totais de 12,5m de comprimento e 6 metros de largura, delimitadas por linhas de 4 cm de largura e linhas de marcação internas de 2 cm de largura. A zona de lançamento é dividida em 6 boxes iguais de 2,5 metros de comprimento e 1 metro de largura. Na área de jogo, há uma área delimitada por uma linha "V", cujas laterais distam 3 metros da zona de lançamento e do ponto central 1,5 metro. Pontua-se o atleta que jogar a bola o mais próximo do "jack". Caso haja empate, será jogada uma parcial de desempate, chamada de tiebreak. Vence o lado que obter o maior número de pontos na somatória final de todas as parciais, incluindo tiebreak, caso necessário. O jogador, segundo a International Boccia Commission - (IBC) - CP-ISRA (2004), é dividido por classes de acordo com o grau de comprometimento motor, sendo que em cada divisão jogam praticantes de ambos os sexos nas categorias BC1, BC2, BC3 ou BC4. A classe BC1 é composta por pessoas com tetraplegia espástica severa com ou sem atetose, com pouca amplitude de movimentos ou força funcional em todos os movimentos nas extremidades e no tronco. Dependem da cadeira de rodas e precisam de auxílio durante o jogo, assim como de assistência tanto para a remoção da cadeira de rodas, quanto para a aquisição da bola. A BC2 é composta por tetraplégicos espásticos, os mesmos itens relacionados à classe BC1, a única diferença é que estes podem impulsionar a cadeira de rodas manualmente, embora possuam pouca força funcional em todos os membros e no tronco. As pessoas da classe BC3 tem paralisia cerebral ou não cerebral, tem disfunção locomotora grave nos quatro membros, não apresentam força e coordenação suficientes para segurar e largar a bola e utilizam calha e um calheiro para realizar o jogo. E na classe BC4 os atletas têm grave disfunção locomotora nos quatro membros, de origem degenerativa ou não cerebral. Possuem diplegia, de moderada a severa, a faixa ativa dos movimentos é pequena e demonstram pouca força ou severa falta de coordenação combinada com o controle dinâmico do tronco deficiente.

4. Resultados

Durante todo o desenvolvimento do trabalho, notamos que o tema proposto era, até o momento, desconhecido pela maioria dos alunos e, felizmente, percebemos que os demais alunos da turma estavam

interessados pelo tema proposto, mostrando-se muito receptivos à modalidade. Em relação à prática propriamente dita, todos participaram e mostraram-se motivados com a vivência. Com o advento da inclusão, a possibilidade de apresentar, divulgar e propiciar a vivência de um esporte adaptado às pessoas sem deficiência, se torna ponto muito importante, pois assim favoreceremos uma aproximação maior e mais natural entre as pessoas da nossa sociedade. Para nós, integrantes do grupo, foi muito valiosa a experiência de aprendermos e possibilitarmos a adaptação da modalidade bocha num ambiente diferenciado, pois pudemos encontrar na modalidade inúmeras possibilidades de trabalho em vários ambientes e com diferentes faixas etárias. Isso é extremamente importante para nós, futuros professores de Educação Física preocupados com a situação atual da disciplina e de toda e qualquer prática nos campos de atuação, pois ao buscarmos e encontrarmos propostas diversificadas de ensino/aprendizagem do movimento, possibilitamos que a nossa área seja valorizada.

5. Considerações Finais

Com o desenvolvimento deste trabalho percebemos que se tornam cada dia mais amplas as possibilidades das pessoas com deficiências de se interarem e se superarem em esportes como a bocha, que além de melhorar a coordenação e a atenção, são formas, segundo relatos dos alunos que praticaram, de diversão e relaxamento.

Além disso, com a possibilidade de participarem efetivamente de setores bem valorizados da sociedade, como os esportes, estes passam a ser valorizados pelo que realmente são, independente da sua limitação.

Referências Bibliográficas

CAMPEÃO, Márcia da Silva. Atividade física para pessoas com paralisia cerebral. In: DUARTE, E. & LIMA, S. M. T. *Atividade física para pessoas com necessidades especiais: experiências e intervenções pedagógicas*. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 2003, p.33-46.

Campeão, Márcia da Silva; Oliveira, Ronaldo Gonçalves de. Bocha paraolímpica: manual de orientação para professores de educação física. Brasília : Comitê Paraolímpico Brasileiro, 2006. 42p.

CP-ISRA - Cerebral Palsy - International Sports and Recreation Association <http://www.cpisra.org> . In: LIMA, S. M. T.; OLIVEIRA, A. A. B. de; NAKADA K. P. **Bocha Adaptado: fatores motivacionais na deficiência física**. Revista Digital -Buenos Aires - Ano 11 - N° 95 - Abril de 2006.

www.cpb.org.br - Acessado em 08 de julho de 2007.